

**A representação de valores em *A festa do bode*:  
Estrutura narrativa e perfis psicológicos na fronteira entre realidade e ficção**

Resenha de VARGAS LLOSA, Alvaro. *A festa do Bode*. São Paulo: Mandarim, 2000.

**Gabriel Lohner Gróf\***

A ficção, por definição, subentende uma realidade construída dentro de outra realidade, a partir de um conjunto de referências que o autor articula para figurar uma situação peculiar em uma linha de ação irreal. Nem por este motivo a ficção deve ser considerada puro fingimento alienado de qualquer realidade, já que parte de um cabedal intelectual do próprio autor, demonstrador das relações entre o eixo principal de ação de uma obra e os pormenores nos quais se desenrola a trama. A ficção torna-se aí (re)criação de um universo a partir de suas próprias bases por mais absurda que seja a história veiculada, e não puro mimetismo ou um desligamento da realidade que pudesse dar conta de um novo tempo - espaço fantástico com absoluto isolamento da nossa sociedade.<sup>1</sup>

O romance histórico, enquadrado na categoria de ficção, situa-se em uma fronteira perigosa, cujos contornos devem ser delimitados para evitar que haja excessos por parte de uma análise que pretenda buscar, dentro do romance, uma explicação direta dos eventos veiculados por ela. A estrutura de narração, relação entre os tempos, a linha mestra da trama – envolvendo as relações entre protagonista e antagonista (quando existem) –, são resultados da escolha de um autor que (re)criou um evento já existente e cuja natureza implícita se desvela a partir das articulações contínuas entre a linguagem e a estrutura ficcional. O caráter criativo da ficção, e por consequência, do romance histórico, é uma pista para compreender a insuficiência do resgate histórico direto pela trama, que dá lugar a mais uma compreensão do tempo em que o livro foi escrito. Esta obviedade não parece tão deslocada quando ainda se vê, em muitas análises, a tentativa de se retirar informação

---

\* Mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo.

1 SCHMIDT, S.J. HAUPTMEIER, H. The Fiction Is That Reality Exists: A Constructivist Model of Reality, Fiction, and Literature. In: *Poetics Today* Vol. 5, No. 2, The Construction of Reality in Fiction (1984), p. 253-274

cf. WALTY, Ivete L. C. *O que é ficção*. Brasília: Editora Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos. Obra geral, em que a autora introduz de forma clara e sintética as principais problemáticas concernentes às definições de “ficção” a partir de seu binômio “realidade”.

histórica 'fidedigna' de um romance histórico que não a do tempo em que foi concebido. Não procuro aqui resgatar antigos e desgastados debates acerca da problemática da narratividade histórica<sup>2</sup>, mas tão somente pensar a construção do romance como uma rede de significados que torna a literatura passível de se constituir em documento a partir de seus pressupostos.<sup>3</sup>

Com tais considerações em mente, *A Festa do Bode* é um livro que conta os últimos momentos da ditadura de Rafael Trujillo, conhecida como sendo uma das mais repressivas de toda a história da humanidade. Ao mesmo tempo em que a narrativa se concentra nos últimos dias do ditador, no início da década de 60, há um contraponto com os dias atuais, figurado na trama paralela de Urania Cabral, filha do Senador Agustín Cabral, um dos mais devotos do regime de Trujillo. Este jogo entre temporalidades sugere inicialmente uma sincronia, um tempo onde o passado deixa de dar lugar para o presente e convive a todo instante a seu lado, dando ênfase maior à justificativa do que propriamente aos atos. A partir de um elemento textual peculiar, que é uma espécie de interação entre narrador e personagem, onde aquele revela por meio da narrativa os conflitos existenciais das personagens, identifica-se o pressuposto da obra que é fundamentado pelas relações diretas entre ditador e oprimidos, em um romance que tem por base uma aproximação psicológica intensa de um indivíduo dentro de um regime repressivo. Em um sistema em que as mediações entre Estado e indivíduo se dão mais no plano pessoal do que no plano burocrático (mera fachada), um romance, ao descrever biografias, tenta descrever o lado humano do regime, dificilmente encontrado nos manuais de História. Para tanto, procura-se dotar os personagens de grande densidade psicológica, com efeitos de verossimilhança, onde o terror vivido por estas pessoas fictícias é potencializado por um clima de suspense.<sup>4</sup>

Outro fator a ser considerado é o público a que se destina o romance. Certamente todos sabem as dificuldades inerentes a um sistema de governo ditatorial, mas o que levaria o autor a resgatar este tema no final do século XX, quando praticamente todos os regimes totalitários na América estão extintos?

---

2 cf. WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

3 CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. Nesta obra, Candido evidencia uma série de relações complexas entre autor, obra e público, pólos interconectados que dotam de significado uma obra literária. Em suma, a compreensão da literatura está além dela própria, sendo ela o resultado do conjunto de elementos intrínsecos autoreguladores.

4 VARGAS LLOSA, Alvaro. *A festa do Bode*. São Paulo: Mandarim, 2000.

O final de uma nota na edição de 2000, da Editora Mandarim, escrita por Wladir Dupont, afirma que "... a morte de um ditador não liquida essa raça espúria. Basta um olhar ao redor do continente..."<sup>5</sup>. Esta afirmação é sugestiva na medida em que sua ambiguidade não permite refletir sobre quais ditadores, e em que tempo, esteja discorrendo. Estaria ele falando dos ditadores contemporâneos à morte de Trujillo ou de Fidel Castro, que até há pouco tempo governava em um sistema monopartidário centrado em sua figura?

Independente da ideologia veiculada, consideremos a relativa atualidade do tema em um ritmo parecido com o do livro: as lembranças que ainda perduram na mente dos que sofreram (ou sofreriam) sob um regime ditatorial. É importante ressaltar, também, um tipo de discurso muito comum, vindo à tona na última década: em um sistema ditatorial ao menos havia crescimento econômico e um amor à pátria mais intenso. Se este for o mote que levou Vargas Llosa a escrever tal livro, veremos que ele destruíra este tipo de afirmação levando o leitor a se perguntar qual a verdadeira intenção deste desenvolvimento e deste patriotismo a partir do seu custo em termos humanos.

O presente trabalho procura analisar o romance *A festa do bode* em sua tentativa de traçar um perfil psicológico denso dos principais personagens envolvidos na trama. O texto focaliza o personagem Rafael Trujillo e suas relações com Joaquín Balaguer (personagens "reais"), e com Urania Cabral, uma personagem fictícia que possui uma função especial no romance, conforme veremos a seguir. Suas características, seu conjunto de ações e suas relações entre si e com outros personagens trarão à tona o conceito de ditadura para Vargas Llosa, e, por conseguinte, permitirá um *link* com o contexto em que a obra foi escrita.

## **A Paixão de Trujillo**

A função do romance histórico seria totalmente anulada pelos manuais de história, ou por textos mais especializados, se a intenção do autor fosse a de veicular um conhecimento histórico no sentido clássico desta expressão. Poderíamos concluir, então, que o romance histórico apresenta uma reflexão atualizada de temas históricos, cujos ecos ainda ressoam diretamente no presente. É uma narrativa ficcional nos termos aqui já apresentados, apenas diferindo, talvez, na metodologia de resgate do passado. Arrisco aqui uma hipótese apressada, voltada a nossos propósitos: um fator de diferença entre os dois

---

5 Op.cit.

gêneros literários aqui comparados (romance histórico e historiografia) é que a narrativa de romance confere uma vida psicologicamente densa (ou pelo menos tenta-se) aos personagens históricos, de modo a encaixá-los na reflexão do autor, possibilitando a disseminação de sua mensagem. A princípio, uma diferenciação grosseira, mas em que sua base está a justificativa para a presente análise.

Ao dotar seus personagens de vida, Vargas Llosa vai pressupor que, mais do que uma situação política peculiar, as consequências de uma ditadura são mais visíveis nas esferas sociais do que econômicas ou políticas, embora a princípio seja difícil separá-las. Cada vida tirada pelo regime, cada família que perdeu um ente querido, cada pessoa que sofreu nas garras de alguém ligado a alta cúpula, mais do que estatísticas, se constituem em complexos microcosmos de relações com outras pessoas e com o próprio mundo em que vive. Tais organismos altamente dotados de historicidade têm suas vidas seriamente abaladas pela extensão dos egos daqueles que detêm o poder, o que causará impactos irreversíveis impossibilitando a superação de um passado sombrio, fazendo-o retornar a todo momento para o presente em uma macabra sincronia. Urania Cabral é um exemplo disso, ensejando um novo rumo para sua vida apenas no último parágrafo do livro.

Os três personagens escolhidos e citados acima detêm as características cruciais para uma articulação com temas elencados nesta análise, brotados de uma criteriosa reflexão a partir da leitura de *A festa do bode*. Logicamente o livro apresenta outros personagens, e mesmo um núcleo a parte, que poderíamos chamar de “conspiradores” (Turco, Imbert, De la Maza, etc.) psicologicamente ricos em termos de representação. Mas, por viverem motivados por um passado que os atormenta, poderíamos traçar um paralelo com Urania, embora diferindo na concepção que os “conspiradores” e a filha do senador Cabral tem de seu país histórica e sociologicamente.

O comportamento de cada um dos personagens eleitos para dar corpo a este texto encontram convergências em diversas medidas. Por exemplo, a presença constante do passado tanto para Urania como para Trujillo tem pesos semelhantes, embora para ela seja o fantasma de um passado sombrio, e para ele o esfacelamento de um passado glorioso que, a todo instante, algumas vezes sem sucesso, tenta trazer a tona. Em Balaguer temos o burocrata honesto, religioso e admirador de Trujillo, que nada faz para impedir o atentado contra o Benfeitor. Seria um desvio de caráter ou uma trama maquiavélica, do mesmo modo que Trujillo, ao desenvolver o país, promove a repressão baseada em neuroses pessoais por disciplina?

Nestas intersecções é que se torna possível reavivar toda a complexidade psicossocial vivida durante uma ditadura. Através de um conhecimento psicológico considerável, o autor joga com uma imagem aplicada à ditadura (a de opressão, de “maquiavelismo” etc.) construindo seu personagem dialeticamente levando em conta sua própria constituição moral: o resultado do homem, em sua essência, aplicado a um regime ditatorial.

Ao falar no regime ditatorial da Era Trujillo, devemos ter em mente a questão do poder pessoal. Sem dúvida o “Chefe” desempenhou um governo em que a República Dominicana esteve completamente submissa à sua figura truculenta por três décadas. E não se tratou de confundir a figura do poder burocrático-democrático do presidente com a do Benfeitor, e sim, uma mistura de admiração e medo pela pessoa do General que não fica muito clara no romance. Vargas Llosa, diante de um fenômeno sem precedentes, como o de devoção a Trujillo, procura dar um caráter metafísico como base de seu poder ilimitado, perpetrado pela questão do olhar que toca fundo na alma. Não creio que seja um preenchimento forçado de uma lacuna, uma vez que esta propriedade extrassensorial leva ao entendimento de uma das faces mais marcantes desta ditadura: a da comparação com uma divindade (como Deus ou Jesus), que é construída com fundamentos não racionais, mas que tem uma forte presença na vida das pessoas. Em muitos momentos isso é explicitado no romance, quando, por exemplo, põe à prova a lealdade de seus seguidores, como Deus o faz na Bíblia; sua mãe é cultuada como um modelo a ser seguido pelas mães, assim como Maria; através dos *caliés* sua figura é onipresente e, seguindo esta linha, o atentado ao livre arbítrio pode ser comparado ao que é promovido pela Igreja, em uma confusão entre instituição e divindade. Arrisco até conjecturar que o romance é a “Paixão de Trujillo”, ao passo que sua morte seria a salvação da sociedade dominicana, obviamente respeitando os pesos e medidas desta comparação.

A predisposição para incorporar a essência de Trujillo subjaz em uma insuficiência de caráter por parte das pessoas as quais ele subjuga. O “Bode” possui uma disciplina rígida, uma personalidade forte cujos conflitos estavam bem guardados no fundo de sua alma, prontos para explodirem. Com a devida propaganda, uma pessoa que normalmente dispõe de uma personalidade conflitante ou volúvel seria então preenchida por este modelo de ‘homem perfeito’, com o auxílio de propriedades extrassensoriais. A própria trama de *Urania* é a exacerbação máxima da devoção perturbada ao “Chefe”, quando o senador Cabral prefere entregar sua filha para aplacar a ira de quem admira doentamente, ou seja,

um sacrifício. Isto se encaixa na comparação citada acima, quando o Monsenhor Reilly, ao ser consultado em uma ocasião difícil, limitou-se a parafrasear Jesus, o seu modelo de comportamento que o faz renunciar inconscientemente ao seu livre direito de reflexão.

Apesar das comparações com Deus ou com Jesus, Trujillo é uma figura antitética, cujos conflitos são camuflados a todo custo. Apenas Urania, devido ao incidente, descobre um homem aparentemente frágil, capaz de ter nas mãos um povo inteiro, mas incapaz de controlar a si mesmo, seu próprio corpo, para satisfazer as suas vontades mais íntimas. Essa figura dúbia é representada ainda mais pelas situações constrangedoras a que Vargas Llosa submete seu Trujillo no romance (talvez uma pequena vingança do autor), quando o grande Pai da Pátria é submetido a um exame retal. O jogo de aparências disputado pelos integrantes da trama se transporta a um nível ainda maior, assumindo características calculistas no cerne da questão nacional dominicana.

A figura de Trujillo enquanto disciplinado se confunde com a imagem do país, uma vez que este faz o possível para transmitir sua imagem ao Estado, tornando-o suscetível as suas neuroses de perfeição impelidas pela disciplina alcançada entre os *marines*.

Matar para ele é natural, como extirpar uma doença de seu corpo. Vale a pena para manter as aparências de um regime disciplinado e bem sucedido. Mas, a tendência no romance é demonstrar a casca vazia que é tal jogo de aparências, o que causa maior incômodo ao pensar nas mortes vãs consumadas pelo regime. Sendo tal disciplina gerada por uma vivência em meio militar, e a disciplina exacerbada figurando o ditador, pode-se ter uma ideia do seu poder de sedução no meio militar. Trujillo é o ser humano ideal, mas apenas um lado de sua face transparece para o povo: aquela fruto da propaganda. E aqueles que estão a favor dele, apreciam o Chefe porque as aparências falam mais alto (como visto no episódio em que Urania remonta a uma estante de livros em que o Senador Cabral nunca os tinha lido), e assim há uma chance de se atingir o que quer ser, retirando-se a parte do esforço de se chegar até lá concretamente. Ou mesmo porque alguns tem a chance de colocar em prática sua desumanidade, em um lugar que acolhe pessoas que deixaram de lado a sensibilidade pelas contingências da vida, como Abbes García, e que se consolida como horror no episódio em que o pai devora – inconscientemente como no mito de Atreu e Tiestes – a carne de seu próprio filho, morrendo logo em seguida.

Trujillo se orgulha de ter reerguido o país através de sua personalidade disciplinada e pragmática. E, justamente estes atributos fazem o leitor questionar a intenção de um governo como o abordado no livro. Para quem se voltava o Estado? Para o bem comum,

retomando-se aí a teoria política iniciada por Aristóteles em suas reflexões, ou para conter uma ojeriza a deformidade, a irregularidade, talvez exacerbada quando o ditador já não mais possuía esse poder de contenção em relação ao próprio corpo? Seja como for, a segunda alternativa parece mais próxima de descrever a natureza do mandato de Trujillo. Uma política centrada na sua pessoa, para a própria satisfação de seu ego, potencializada pelas incursões amorosas que lhe davam o poder viril associado ao poder governamental. O bem comum era necessário para viabilizar seu alívio.

Esta questão remonta a práticas maquiavélicas presente em boa parte das tramas dos diversos personagens do romance. Os fins justificariam os meios? Basta ao leitor julgar por si mesmo ao ler a trama de Urania Cabral, uma pessoa bem sucedida financeira e profissionalmente, mas que deve a oportunidade de uma nova vida a uma situação monstruosa que a marcou para sempre. Urania é como a República Dominicana questionando a si mesma. Teria valido a pena tantos anos de ditadura de Trujillo, que devido a um fato preciso no início de sua ditadura, conservou uma aura de libertador e à custa do sangue de milhares, teria propiciado um desenvolvimento econômico barrado justamente pelos seus excessos enquanto governante? Teria valido a pena alcançar uma vida financeiramente estável devido a um passado que atormenta a alma de Urania a todo instante? E Balaguer, quando não fez nada para impedir o atentado contra aquele que tanto admirava, sendo uma figura tão honesta? O livro de Vargas Llosa veicula esse questionamento demonstrando que não há valores absolutos, provavelmente processados pela moral de quem o lê. Ou seja, a situação exposta no livro leva a um autoquestionamento do próprio leitor enquanto intérprete singular e inserido em um todo maior.

O tempo exerce um papel determinante nas relações entre os personagens e na sua própria constituição enquanto ser. O desespero de Trujillo em não conseguir resgatar um tempo que outrora fora glorioso em relação a sua sexualidade é equivalente ao sentimento de justiça dos “conspiradores”, bem como do peso do passado para Urania: é uma forma de impedir a passagem do tempo, uma vez que este implica as rupturas necessárias para a superação de traumas. Para alguns, a morte do ditador já seria o suficiente. Para Urania, sua morte não bastou, porque o culpado pela sua desgraça foi o próprio pai, cujo amor que um dia havia sentido por ele impedia que uma vingança a satisfizesse. De qualquer maneira, a narrativa passada nos dias atuais é uma forma de demonstrar indiretamente o horror que um regime como o de Trujillo poderia propiciar, mesmo após tanto tempo a sua morte.

O fim de Trujillo, seguido pelo curto período de mandato efetivo de Balaguer, descrito no romance, constitui a dicotomia necessária para a invalidação do tipo de regime ditatorial. Com muita astúcia, Balaguer, sempre recorrendo às leis e a burocracia, consegue promover uma relativa estabilidade e um crescimento econômico com o fim das sanções. Esta seria a resposta se valeria a pena, ou não, um regime ditatorial. Com a força das leis, que em teoria seriam conjugadas pelo povo através de seus representantes, Vargas Llosa deixa claro que um regime de governo, que respeite os direitos básicos do ser humano, pode ser até mais eficaz do que um governo centralizador e opressor. Eis o mote do romance, cujos capítulos iniciais são recheados de atrocidades cometidas pelo regime, para que rapidamente apareça um tipo de governo que demonstra a falta de vínculo direto entre desenvolvimento e violência.

## **Conclusão**

*A festa do bode*, portanto, traz uma mistura de tramas como uma reflexão das dimensões espaço-temporais de um regime ditatorial e suas implicações mais atroz, demonstrando a ausência de vínculo entre crescimento e opressão, só existente nas mentes doentias de governantes que estão à frente de um povo apenas para satisfazer seus egos, remontando as noções clássicas de grandes personalidades históricas opressoras. A história paralela de Urania é a potencialização máxima de um evento causado pelo esvaziamento de um ser que só se fazia enquanto sombra daquele que admirava, capaz de entregar a própria filha para ganhar respeito de seu mestre. E tal esvaziamento só é capaz de operar quando há um intenso culto a personalidade, pressupondo a existência de constituições psicológicas frágeis, cujas esperanças são depositadas naqueles seres que consideram perfeitos: “Deus e Trujillo”.

Com grande perspicácia psicológica, Vargas Llosa constrói uma narrativa onde argumenta que a verossimilhança é a principal condição da solidez de seu argumento difuso no corpo do texto, bem como motor do funcionamento do impacto causado pelos episódios mais téticos. O autor procura produzir um efeito perturbador necessário para o convencimento do leitor, provando que nada justificaria um governo antidemocrático, e que a própria disciplina, representada na ditadura similar a personalidade de Trujillo, é a restrição da ação humana, tendo em vista a impossibilidade do erro, e justamente o erro pressupõe o livre-arbítrio de escolher a opção correta ou errada, ou de ser aquilo que



convém para si mesmo. O homem não poderia em uma situação repressiva exercer sua própria humanidade.

Nada justificaria uma ditadura, ou qualquer governo opressor, visto que agir dentro da legalidade, respeitando os trâmites burocráticos, promove o real bem-estar, respeitando a própria condição racional do homem, uma vez que a política aristotélica é a reunião de homens para o bem comum (interesse geral), e promotora das leis que os homens decidem através de seus governantes. Mas há uma ressalva: deve-se pensar no alcance dessas leis e na maneira como foram formuladas, o que dá toda a diferença em sua essência. Vargas Llosa escreve um livro provavelmente pensando no impacto de uma ditadura na população que se vê oprimida pelo espectro do governante, mas não leva em conta a diferença entre a aplicação social de fato de uma democracia, com todas as reivindicações que dão sustentáculo a sua existência nos moldes atuais do termo, e uma aplicação formal da mesma, quando há acordos entre pequenos grupos que, visando interesses próprios, formulam uma falsa democracia que, através da subjugação ao mercado, impedem a construção da igualdade, promovendo uma 'ditadura às escondidas'. Portanto, nem sempre as leis são o promontório da igualdade. Além disso, ele não vai muito além da posse efetiva de Balaguer, e nem descreve as medidas repressivas que o mesmo aplicaria mais tarde, ao assumir em 1965.

Assim, este romance histórico cumpre seu papel de reavivar um tema que ainda repercute intensamente pela América Latina. Sua estrutura narrativa, que apela para a consciência da personagem, legitima seu argumento com a força dos valores éticos que passam ao largo de qualquer tipo de governo maquiavélico. Porém, há a transformação das leis e da burocracia em virtudes morais e éticas sem o cuidado de se refletir acerca de sua formulação e aplicação efetiva: o final do romance sugere o fim da opressão e o consequente desenvolvimento econômico e social com o fim da ditadura, como se apenas o regime, e não um arranjo de grupos sociais, fosse responsável pelos augúrios do povo dominicano (e latino americano como um todo). Bem sabemos que o fim das ditaduras na América Latina não trouxe um desenvolvimento social e econômico contundente, o que talvez seja à base dos argumentos favoráveis as ditaduras já mencionadas. Certamente o espectro da ditadura se foi, mas o fantasma da 'falsa democracia', por jogar com conceitos eticamente viáveis, ainda assola incessantemente o povo latino americano através de valores considerados aceitáveis.